
Folkcomunicação e Folk-ativismo na Capoeira: Mestre de capoeira como comunicador¹

Murilo Aranha Guimarães MARCELLO²
Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP

RESUMO

Este trabalho, parte da tese em processo, sob os auspícios do Capes, tem como objetivo compreender os processos comunicacionais dos mestres de capoeira a partir da perspectiva folkcomunicacional. Para tanto, buscou-se adotar a revisão bibliográfica como metodologia, a fim de se refletir sobre a concepção da Folkcomunicação e suas vertentes, assim, averiguando questões como a tradição oral na capoeira e mestre capoeira como ativista folkcomunicacional. Nesse processo averiguou-se o mestre de capoeira como principal comunicador da capoeira, por sua oralidade. Na perspectiva folkcomunicacional de Beltrão (2013), é nessa manifestação coletiva, como a capoeira, que se pode apreender o popular. Esse trabalho busca contribuir para o processo de reflexão da comunicação do popular marginalizado.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Cultura; Folkcomunicação; Folk-ativismo; Capoeira.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, parte da tese em processo, sob os auspícios do Capes, inserido no campo de pesquisa em Comunicação e Cultura, busca compreender aos processos comunicacionais dos mestres de capoeira a partir de uma perspectiva folkcomunicacional.

A capoeira é reconhecida como uma das principais atividades desportivas, sendo ela genuinamente brasileira, no entanto não é apenas na aura do esporte em que a capoeira desenvolve-se, encontramos muitas vezes sua associação com a cultura, a arte, o lazer etc. Neste sentido podemos adotar um sentido multidimensional dessa prática, sendo essa multidimensionalidade reconhecida pelo Conselho Consultivo do Instituto de Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional (IPHAM), 2008. Essa perspectiva também

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (UNISO), e-mail: murilomarcello@yahoo.com.br.

nos ajuda compreender os processos comunicacionais da capoeira, esses presentes na tradição oral, no corpo, na música, nas ritualísticas etc., ou seja, nas relações interpessoais das rodas de capoeira.

Para tanto, buscou-se adotar a revisão bibliográfica como metodologia, a fim de se refletir sobre a concepção da Folkcomunicação, principalmente a respeito da sua evolução, teoria essa que passou/passa por um processo de aprimoramento conceitual, indo desde o conceito chave/inicial de Beltrão (2013) até o folk-ativismo de Trigueiro (2013), assim, averiguando os processos comunicacionais da capoeira, entendia como uma cultura popular.

Esses processos comunicacionais da capoeira podem ser explicados pelos pensamentos da comunicação do popular marginalizado de Beltrão e as outras conceituações que abrangem no sentido da Folkcomunicação. Nesse viés folkcomunicacional, encontramos o mestre de capoeira é o elo principal na transmissão de informação na capoeira, sendo ele o “guardião” dos saberes (ABIB, 2015), como agente ativista folkcomunicacional.

O texto decorre de uma seção que apresenta brevemente os conceitos e os novos caminhos da Folkcomunicação, dando preferência para aqueles que ajudem a compreender os processos comunicacionais na capoeira. Seguido de outra seção que com o objetivo apresentar algumas das práticas comunicacionais na capoeira, sendo essas compreendidas pela teoria da folkcomunicação. E por último, uma seção que apresente o mestre de capoeira como ativista folkcomunicacional.

MOVIMENTO CONCEITUAL DA FOLKCOMUNICAÇÃO

Foi a partir dos pensamentos do jornalista pernambucano Luiz Beltrão, que tivemos os primeiros desenhos conceituais da Folkcomunicação. Na gênese da folkcomunicação temos o pioneiro artigo de Beltrão, “Ex-voto como veículo jornalístico” publicado em 1965 na revista Comunicação & Problema. Em suas primeiras reflexões sobre a Folkcomunicação, Beltrão pensa em um sistema de comunicação comunitária, sendo o folclore reconhecido por ele como um canal de comunicação, principalmente por aqueles não letrados:

Não é somente pelos meios ortodoxos (a imprensa, o rádio, à televisão, o cinema, a arte erudita e a ciência acadêmica) – que, em países como o nosso – de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias

sociais e políticas, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural – não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião pública se manifesta. Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvidas, o folclore (BELTRÃO, 2013, p.229).

No entanto, o pesquisador Luiz Beltrão lança seu olhar para o que está além de seu evidente cotidiano, buscando evidências nos espaços de circulação habituais da população, principalmente as marginalizadas do sistema social vigente. Tendo a vigor de técnicas e motivações jornalísticas, o autor busca em ensaio, denominado “Folkcomunicação: um estudo dos agentes dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias”, responder algo, que segundo ele, escapou de seus primeiros estudos sobre comunicação jornalística. Beltrão (2013) teve a sensibilidade de indagar a seguinte questão: “Como se informam as populações rudes e tardes do interior de nosso país continental?” (BELTRÃO, 2013, p.111). Para Beltrão, o Brasil da época contava com a seguinte realidade, dois brasis que se defrontavam: um em franco desenvolvimento cultural e outro largado a margem, principalmente após o desenvolvimento dos meios de comunicações no país. Nesse Brasil dividido que Beltrão (2013) observou, encontramos dois grupos, que segundo ele eram distintos, o primeiro grupo respondia aos apelos dos meios de comunicação coletiva em pleno desenvolvimento, já o segundo, eram aqueles não suscetíveis dessa influência pelos meios de comunicações e, por conseguinte, alienados dos objetivos que eram pretendidos pela elite dominante. Neste curso o autor nos apresenta aqueles que estavam sujeitos à marginalidade e concentrado nos “catimbós”, desta forma essas pessoas permaneciam a margem e alheios das notícias jornalísticas destinadas a grande massa, preservando a cultura popular.

Descobrir como esses “catimbós” a margem dos meios de comunicação se caracterizavam e constituíam práticas capazes de informar um segmento expressivo dessas pessoas, tornou-se o grande objetivo de Beltrão. Neste contexto de dois brasis, surge a teoria da Folkcomunicação.

Na conceituação clássica, Luiz Beltrão (2013) conceitua a Folkcomunicação como “o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (p. 115), para ele, algumas dessas manifestações continham o caráter e conteúdo jornalístico, de informar, assim, constituindo-se em veículos adequados à

promoção de mudança social. Para Beltrão Folkcomunicação era uma estreita vinculação entre o folclore e comunicação popular, sendo um “tipo de “cismático” de transmissão de notícias e expressão de pensamento e das reivindicações coletivas” (BELTRÃO, 2013, p. 115).

A Folkcomunicação de teoria viria a torna-se disciplina, que se encontra em processo de maturação e constante transformação (MELO, 2013), neste sentido encontramos novos desenhos teórico-conceituais para a Folkcomunicação, sendo um legado desenvolvido principalmente pelos discípulos de Beltrão como José Marques de Melo, Roberto Benjamin, Osvaldo Trigueiro etc., entre uma leva de novos pesquisadores interessados em propagar os pensamentos beltranianos/folkcomunicacionais. Ao ser classificada como disciplina, contamos ainda com novas perspectivas de estudo, principalmente com a emergência de novas tecnologias e redes digitais, como por exemplo, segmentos de novos estudos, entre eles: Folkmídia, Folk-ativismo, Folkmarketing, Folkturismo, Folkficção, Folkerotismo etc.

No texto “Novas Tendências nas Pesquisas da Folkcomunicação: Pesquisas Acadêmicas se Aproximam dos Estudos Culturais”, apresentado na Intercom em 2003, que foi considerado polêmico, Antonio Hohlfeldt destaca que a Folkcomunicação não é um estudo da cultura popular ou do folclore, como alguns tendem a confundir, mas sim dos procedimentos comunicacionais, nesse sentido o autor faz uma ressalva e conceitua a Folkcomunicação como:

A folkcomunicação não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. A folkcomunicação, portanto, é um campo extremamente complexo, interdisciplinar – necessariamente – que engloba em seu fazer saberes vários, às vezes até contraditórios, para atingir seus objetivos e dar conta de seu objeto de estudo (HOHLFELDT, 2013, p. 877).

Essa conceituação de Hohlfeldt ainda é debatida, como argumentado por Guilherme Fernandes (2013), principalmente a questão de aproximação ou não com os Estudos Culturais, o autor ainda menciona, que para ser pesquisa em Folkcomunicação, ainda é necessário evocar o arcabouço teórico de Beltrão.

Outro conceito que surge a partir dos pensamentos beltranianos é o folk-ativismo, conceito desenvolvido por Osvaldo Trigueiro (2013). O autor em seus estudos percebe o surgimento de novos paradigmas nos estudos de comunicação e cultural, principalmente com a sociedade globalizada e as novas lógicas que entrelaçam com as vidas locais. Nessa lógica do global e local, Trigueiro (2013) observa que alguns desses novos paradigmas “reconhecem a importância dos agentes culturais que atuam em ações em prol de uma melhor qualidade de vida local” (TRIGUEIRO, 2013, p. 698), classificados como mediadores ativistas. O autor menciona que esses mediadores ativistas operam dispositivos de comunicação através das redes de cooperação, motivada por laços de proximidade (parentesco, vizinhança, histórias de vida etc.), sendo essa uma alternativa de sobrevivência individual e coletiva, em regiões subdesenvolvidas. Trigueirinho argumenta que esses mediadores atuam para “suprir as deficiências das instituições formais locais de prestações de serviços públicos (educação, saúde, segurança, cultura, comunicação etc.) ou privadas” (TRIGUEIRO, 2013, p. 698). Sendo esses mediadores, na era das telecomunicações, classificados por Trigueiro como interlocutores entre os vários segmentos.

Nessa hibridação de local e global, processos comunicacionais midiáticos e comunidades, em campos opostos, Trigueiro nos apresenta o mediador ativista da folkcomunicação:

O mediador ativista da folkcomunicação opera em esferas diferentes do campo de interesse, da mídia hegemônica, inventa novas interações socioculturais de convivência entre tradições locais e a vida moderna como forma de estar sempre atualizado com o que acontece no mundo de fora, com as visões dos muitos lugares (TRIGUEIRO, 2013, p.698).

O autor nos revela que esses mediadores ativistas da folkcomunicação atuam em espaços e tempos socioculturais próximos uns dos outros, sendo através do interconhecimento realizadas relações de sujeitos com o mundo. Para ele o esse mediador ativista é “um estrategista que se apropria e usa a cultura da mídia nas suas práticas cotidianas” (TRIGUEIRO, 2013, p. 700), desta forma desenvolvendo seus próprios meios de comunicação, assim, reinventando suas tradições culturais. Trigueiro explana qual é o objetivo de estudar o mediador ativista da folkcomunicação:

O nosso objetivo, agora no mundo globalizado, é estudar, compreender e interpretar o papel do mediador ativista da audiência ativa da folkcomunicação como produtor-emissor-criador no sistema folk-midiático. Esse mediador já não é aquele agente intermediário que se interpunha à recepção da mensagem da mídia e recodificava para uma melhor compreensão do seu grupo primário, nesse sentido, a sua função vem esvaziando-se pelos ralos da globalização. O que há é uma ação ativista do mediador na audiência ativa da folkcomunicação (TRIGUEIRO, 2013, p.701).

Nessa visão do mediador ativista da folkcomunicação, os agentes da comunicação popular passam de apenas decodificadores para produtor-emissor-criador, tendo um papel principal em um sistema comunicacional.

São nessas perspectivas de folclore e comunicação desses povos populares, que Beltrão chega aos seus estudos da Folkcomunicação e com seus novos desenhos teórico-conceituais como, por exemplo, ativista folkcomunicacional, que podemos compreender a comunicação daqueles deixados a margem. É nessa perceptiva folkcomunicacional que será compreendida os processos comunicacionais da capoeira.

PROCESSO COMUNICACIONAL NA CAPOEIRA: MESTRE DE CAPOEIRA CONTADOR DE HISTÓRIAS

Entre os processos comunicacionais da capoeira uma das principais fontes de comunicação e transmissão de informações é tradição de “história oral como fonte da transmissão do conhecimento sendo a mesma passada de geração a geração” (SILVA, SANTOS, MILDRE, 2014, p.2). Esse meio é recorrido principalmente entre os mestres de capoeira, sendo desta forma que ele passa adiante seus saberes para alunos e discípulos.

A recorrência dessa tradição através da oralidade se dá por dois pontos determinantes: o primeiro pelo não letramento desses agentes, motivados por questões sociais, pela precariedade e subalternização, herança da escravidão na diáspora africana. E a segunda por uma questão de cautela de quem deve ter essas informações, ou seja, os segredos não são revelados a qualquer um, já que a prática da capoeira passou por momentos de perseguição, inclusive institucional, assim, como outras práticas das culturas afro-brasileiras, como por exemplo, candomblé e samba.

O mestre de capoeira é o principal agente nesse sistema de conhecimento, sendo a ele concedido o papel de autoridade máxima na comunicação dos aprendizes da

capoeira. Na capoeira não iremos encontrar um manual de regras formalizado e padronizado, sendo esse cargo disposto ao mestre de capoeira. Pedro Abib (2015), pesquisador em capoeira classifica o mestre de capoeira como um “guardião da memória” e menciona que essa função é herdada de mestres anteriores, assim, gerando um ciclo de conhecimento e memória viva. Pedro comenta do respeito em torno do mestre de capoeira:

É aquele que é respeitado por todos como alguém que com o tempo foi assumindo essa função, herdada de outro mestre mais antigo que delegou a ele essa responsabilidade. Mas, sobretudo, é aquele que é reconhecido pela sua comunidade como alguém que tem sabedoria de exercer essa função. E esse reconhecimento é algo adquirido ao logo do tempo, pacientemente mais ou menos na mesma época em que vão chegando também as rugas no rosto e os primeiros cabelos brancos (ABIB, 2015, p. 55).

Neste caso é imprescindível o mestre de capoeira ter conhecimento, principalmente de seus antecessores e da ancestralidade da capoeira, é desta forma que a capoeira mantém sua dinamicidade. Em certo nível de influência é encontrado entre os mestres de capoeira e seus antecessores africanos, os *griôs*. Os *griôs* transmitiam de forma oral vivências e saberes em reuniões, sendo isso realizado de geração em geração, sendo nessa socialização de saberes e cultura, através da tradição oral africana que preservaram por séculos a história e os saberes dos povos africanos. Comum em uma seção de treino de capoeira, encontramos uma roda de conversa entre o mestre e seus alunos. Como mencionado antes, à tradição oral da capoeira é realizada com cautela, mas esse conhecimento não é cristalizado a aqueles que queiram de fato engajar-se na arte, um dos principais nomes da capoeira angola, o mestre Pastinha, tinha uma frase icônica sobre isso: “o mestre guarda segredos, mas não nega explicação”.

Por isso podemos mencionar o mestre de capoeira não como aquele que tem vigor físico e atlético, mas sim aquele que tem a capacidade de comunicar-se com os outros, ser uma fonte viva de saberes daquele grupo, e para isso é necessário envolvimento com a prática, “é muito difícil que isso aconteça antes que esse sujeito tenha uma experiência de várias décadas envolvido com essa manifestação” (ABIB, 2015p. 55). Abib ainda fala que a capoeira “tem no seu mestre o principal veículo de transmissão” (ABIB, 2015, p. 56), e esse mérito vêm pelo reconhecimento de sua comunidade. No entanto, Vieira e Assunção mencionam que um dos desafios da

capoeira contemporânea é justamente essa questão do que é preciso para tornar-se mestre de capoeira:

Uma das questões que identificamos como fundamentais no debate contemporâneo diz respeito à transmissão das tradições e dos conhecimentos ancestrais da capoeira. Essa temática materializa-se na discussão sobre quais são as condições exigíveis para que um praticante da arte se torne professor ou mestre. Afinal, a noção tradicional de mestre – indivíduo reconhecido pela comunidade e portador de saberes ancestrais, transmitidos por oralidade e pela convivência cotidiana e prolongada com o discípulo – vem sendo substituída pelo capoeirista cuja condição de mestre passa a ser outorgada por determinado grupo, federação ou alguma entidade de caráter mais ou menos oficial (VIEIRA & ASSUNÇÃO, 2008, p.16).

Mas não somente através da oralidade que a capoeira se comunica, em estudos como de Arruda e Gushiken (2015), é possível ver que a capoeira também possui processos comunicacionais que vão além da oralidade, indo desde movimentos dos corpos a um universo simbólico, “que une canto, cantoria, códigos sociais, identificações culturais, coordenação, ritmo, equilíbrio, além da percepção do próprio corpo, dos objetos, das formas, das linhas e das cores” (ARRUDA & GUSHIKEN, 2015, p. 114). A comunicação corporal é observada principalmente na roda de capoeira, como é mencionado por Ferreira e Silva, “assim, toda roda de Capoeira é responsável por construir sua corporeidade, já que faz parte desse processo de valores que existem numa prática corporal” (FERREIRA & SILVA, 2012, p. 671).

Na perspectiva folkcomunicacional, de Beltrão (2013), é nessa manifestação coletiva, como por exemplo, a capoeira, que se pode apreender o popular, buscando suas práticas comunicacionais nas expressões simbólicas da cultura popular, transmitindo informações e expressando um pensamento e reivindicações coletivas. A capoeira tem em seu mestre o principal agente comunicador, aquele propaga a informação. No entanto, essa influência comunicacional pode ser expandida para uma esfera social, indo além das rodas de capoeira. Este ato pode ser compreendido como o ativismo folkcomunicacional.

MESTRE DE CAPOEIRA COMO ATIVISTA FOLKCOMUNICACIONAL

O mestre de capoeira é um dos principais atores da capoeira, e não temos dúvidas de sua importância para essa prática, mas sua valorização pelos outros pares perpassa a capoeira, abrangendo a comunidade que ele está inserido. É observado seu respeito por todos aqueles que fazem parte do universo da capoeira, como por exemplo, os pais de alunos, movimentos negros, incluindo a esfera pública como a política.

O mestre de capoeira é uma voz ativa nessas comunidades, sendo muitas vezes responsável por ser o porta-voz dessas pessoas, aquele é responsável por despertar uma identidade gerando identificação (HALL, 2013).

Um grande exemplo de mestre capoeira ativista é o falecido Moa do Katendê. Mestre Moa do Katendê era um ativista nas reivindicações das pessoas negras, lutando contra a intolerância, preconceito e racismo. O mestre sempre buscou a defesa das tradições africanas, era um comunicador, percorria o mundo divulgando variadas formas de arte. Moa era mestre de capoeira, dançarino, cantor, compositor, percussionista, artesão, *ogã* e criador de blocos de Afoxé (Afoxé Badauê (1978) e Amigos do Katendê (1995)). Infelizmente o mestre Moa foi assassinado em 2018, por motivações políticas, ao declarar-se a favor do Partido dos Trabalhadores (PT), o mestre deixou um legado de realizações, reconhecido por sua oralidade e suas divulgações, era considerado um ponto de referência dentro da capoeira, mas também fora das fronteiras da capoeira. Ricardo do Nascimento comenta a trajetória de Moa:

[...] era um homem negro marcado por sua própria cultura e dela fez uso sempre como meio de sobrevivência e afirmação identitária. Segundo nos disse o mestre, a ginga é o grande segredo da cultura afrodiáspórica, estando presente em várias práticas culturais de matrizes africanas. Enquanto dispositivo estético, mas que enseja mecanismos de navegação social, a ginga foi na verdade o artefato que permitiu ao mestre, como homem negro, periférico e vítima de preconceito racial, manter-se vivo. Com efeito, a ginga foi seu ganha-pão e seu instrumento de desenrasque social (NASCIMENTO, 2019, p. 48).

O mestre Moa é um entre vários outros exemplos de mestres de capoeira que engajam em lutas e reivindicações, como um mediador ativista da folkcomunicação, sendo agente da comunicação popular, no caso de Moa, ele utilizava sua rica oralidade e seu gingado, com intuito de comunicar suas reivindicações.

Com o reconhecimento nacional, posteriormente mundial, tendo em vista o reconhecimento de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO, a capoeira passou/passa por uma expansão global da prática, sendo hoje possível falar que a capoeira é praticada nos cinco continentes. Neste caso o principal divulgador da arte o exterior passou ser o mestre de capoeira, assim, vimos mestres como João Grande, levarem seus ensinamentos da Bahia para cidades internacionais, como Nova York. O exemplo do mestre João Grande, mostra as tradições locais sendo comunicadas em um nível global. Os ensinamentos do mestre foram reconhecidos, tanto que ele tornou-se doutor honoris causa pela Upsala College, de Nova Jersey, em 1994. Ao alcançar reconhecimento global e levar a cultural local, mestres como João Grande podem serem classificados como mediador ativista, pois são uma audiência viva, sendo um emissor da sua cultura nessa divulgação. Nesse sentido, Osvaldo Trigueiro nos fala que o mediador ativista é aquele responsável de conectar os mundos locais e globais:

Ele, o mediador ativista, atua em um terceiro setor da comunicação local, que não é institucionalizado pelos setores públicos e privados, setor esse representado pelas atividades contemporâneas da comunidade. O mediador ativista, da audiência ativa, na perspectiva deste estudo, é um emissor criador da cultura local, utiliza-se de meios multifacetados e até simulados da folkcomunicação para divulgar o seu mundo local para o mundo global (TRIGUEIRO, 2013, p. 701).

Esses mestres de capoeira são ativos em uma série de causas sociais e culturais de suas comunidades, principalmente por terem ligações com os movimentos de reivindicações negros, neste caso, os mestres de capoeira mostram que a pesar da capoeira estar em momentos de glória, em um passado não muito distante, seus antecessores tiveram que se reinventar e resistir a uma série de opressões para que arte ainda pudesse estar entre nós. O mestre de capoeira como mediador ativista é um produtor-emissor-criador no sistema folk-midiático, sendo uma fonte viva de memória/conhecimento para muitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira sendo uma manifestação coletiva tem no mestre de capoeira como o seu principal agente comunicacional. Na perspectiva folkcomunicional, Beltrão nos mostra que é possível compreender o popular através dos suas práticas comunicacionais.

Tratando-se da capoeira e sua roda, a capoeira por toda suas tradições e uma repleta lista de saberes que vem do povo, pode ser associada a cultura popular e ao folclore, sendo esse dinâmico e vivo que é proposto por Edson Carneiro (2013).

O mestre de capoeira nesse sentido é colocado como o “guardião” do saberes (ABIB, 2015) popular, indo além, apoiando-se em Trigueiro (2013), como um mediador ativista, sendo um ponto de referência local e global para existência da prática. Nesse sentido temos o mestre de capoeira como memória viva, tendo em seus ombros a responsabilidade de perpetuação, porém muitas vezes esses mestres não são devidamente reconhecidos, e acabam vivendo de promessas e miséria, neste caso, basta considerar os dois principais nomes da capoeira contemporânea, mestre Pastinha e mestre Bimba, ambos passam os últimos anos de vida em miséria. Sendo esse um tratamento comum aos heróis negros desse país.

Esse texto deixa em aberto para novos estudos, que investiguem a capoeira e seus processos comunicacionais, principalmente perceptiva da Folkcomunicação, pois tratar a capoeira como sua própria mídia, nos proporciona uma compreensão de aspecto que valorizem essa prática, como sua a rica oralidade.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro. **Conversas de Capoeira**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015.

ARRUDA, Luiza da Silva; GUSHIKEN, Yuji. Capoeira: Rituais da comunicação, Decolonialidade e vinculações sociais no espaço do jogo. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 13, n. 29, p.108-123, maio/agosto 2015.

BELTRÃO, Luiz. Ex-voto como veículo jornalístico. In: MELO, José Marques, FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: Intercâmbio de Mensagens. In: MELO, José Marques, FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

CARNEIRO, Edson. Dinâmica do Folclore. In: MELO, José Marques, FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

DOSSIÊ, **Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Brasília, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007.

DOSSIÊ, **Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

FERNANDES, Guilherme Moreira. Novas Tendências nas Pesquisas da Folkcomunicação: Pesquisas Acadêmicas se Aproximam dos Estudos Culturais segundo Antonio Hohlfeldt. In: MELO, José Marques, FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

FERREIRA, Alexandre Donizete; SILVA, Lucas Contador Dourado da. Capoeira dialoga: O corpo e o jogo de significados. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Porto Alegre, v.34, n.4, p.665-681, julho/setembro 2012.

HALL, S., Quem precisa de Identidade?. In. SILVA, T. T. da (org) **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HOHLFELDT, Antonio. Novas Tendências nas Pesquisas da Folkcomunicação: Pesquisas Acadêmicas se Aproximam dos Estudos Culturais. In: MELO, José Marques, FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MELO, José Marques. Prefácio. In: MELO, José Marques, FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

NASCIMENTO, Ricardo César Carvalho. Dialéticas da ginga: performances dos corpos subalternos em movimento. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.22, n.2, p.45-59, agosto/setembro 2019.

SILVA, Jorge Silveira; SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos; MILDER, Saul Eduardo Seiguer. A prática da Capoeira enquanto patrimônio cultural: Trajetórias afrodescendentes e multiculturais no Brasil. **Revista Estudos Historicos**, Uruguai, n.12, jul./dez. 2014.

TRIGUEIRO, Osvaldo. Folk-Ativismo. In: MELO, José Marques, FERNANDES, Guilherme Moreira (orgs). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Os desafios contemporâneos da Capoeira. **Revista Textos do Brasil**, Brasil, n.14, 2008.